



# Cira Arqueologia

N.º 7



## Revista Cira Arqueologia n.º 7

O presente volume da Revista CIRA Arqueologia é a mais recente realização de um objetivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira concretizado através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, a edição regular de uma revista de arqueologia.

Criada em 2012, esta publicação tem-se pautado pelo respeito de uma linha editorial coerente. Centrando-se numa primeira linha, na investigação das ocupações humanas pré-territas, sobre o território administrativo Municipal. Mas tendo presente, desde o primeiro volume, que as atuais fronteiras administrativas não existiam para períodos mais recuados, sendo necessário contextualizar de forma mais alargada. Analisando-se assim os sítios e as comunidades a uma escala mais ampla como a da península de Lisboa e Vale do Tejo.

A Revista CIRA Arqueologia tem vindo a assumir-se, como forma privilegiada de dar público conhecimento dos principais trabalhos desenvolvidos no âmbito das atividades do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Os sete volumes já produzidos atestam de forma eloquente a qualidade e a dinâmica do trabalho ali produzido.

Um dos papéis das autarquias portuguesas consiste no inventário e defesa do património que nelas se conserva e que herdou dos seus antepassados. O Município de Vila Franca de Xira tem na última década vindo a apostar de uma forma sustentada e consistente no conhecimento do seu passado. Prova desse empenho é a realização e atempada publicação da Carta Arqueológica do seu território, as sucessivas exposições de arqueologia patentes em diversos espaços e enquadramentos institucionais, assim como, nas sucessivas campanhas de escavações arqueológicas de investigação no sítio de Monte dos Castelinhos.

Esta publicação que muito nos apraz apresentar, é constituída por oito artigos em que participam catorze investigadores incidindo a sua temática desde a Idade do Bronze até ao século XVIII.

É de sublinhar os quatro artigos que assumem um cariz monográfico em torno dos trabalhos de escavação arqueológica conducentes à construção do Centro de Saúde de Alhandra. Obra importante para os cidadãos de Alhandra. Este espaço dedicado à Saúde, pelo qual hoje se acede de forma quase telúrica, pelo antigo portal da Ermida de São Francisco ligando-se assim o passado com a atualidade. Nestes estudos ora trazidos a público, documenta-se a pertinência que estas investigações tiveram na salvaguardar de património e de conhecimento, que de outra forma se tinha obliterado. Provando-se uma vez mais, que o CEAX não se limita a escavar e a “atrapalhar” as obras, mas antes pelo contrário que o seu trabalho é essencial para a construção de uma memória coletiva da nossa comunidade, comunidade essa de que estes ossos encontrados em Alhandra nos falam de forma tão direta e apelativa.

A VEREADORA DA CULTURA



MANUELA RALHA

## ➤ **Materialidades quotidianas de Idade Moderna em Alhandra. Os contextos arqueológicos da escavação do Centro de Saúde**

**TÂNIA MANUEL CASIMIRO**  
(IHC/IAP FCSH-UNL)

### **RESUMO**

O lugar do actual Centro de Saúde de Alhandra foi alvo de duas intervenções arqueológicas. Durante as escavações ali efectuadas foram recuperados diversos elementos de cultura material associados às mais diversas vivências quotidianas. As cerâmicas vermelhas, vidradas e faianças são as mais abundantes, mas outros elementos vítreos, metálicos e de osso foram igualmente recuperados. Os materiais correspondem a uma ocupação entre os meados da primeira metade do século XVII e os inícios do século XVIII.

### **ABSTRACT**

Two archaeological excavations were made in the site where the Centro de Saúde de Alhandra was to be located. During those excavations several material culture elements were found related to very different daily life aspects. Redwares, lead glazed wares and tin glazed wares, glass objects, metallic and bone objects were found on the site. These objects correspond to a domestic occupation dated from the first half of the 17th century to the very early 18th century.

## **1. Introdução**

A intervenção arqueológica do espaço onde se encontra actualmente o Centro de Saúde de Alhandra incidiu sobretudo, mas não exclusivamente, nos vestígios da ermida ali edificada em 1721. No entanto, grande parte da cultura material associada ao contexto já ali se encontrava anteriormente com evidências que remontam, pelo menos, a meados do século XVII, reflectindo actividades quotidianas domésticas. Arqueologicamente foi possível identificar vestígios de habitações anteriores ao edifício religioso (ver resultados da intervenção e análise da sua planta e estratigrafia neste volume). Os objectos que aqui apresentamos, apesar de terem sido recuperados um pouco por toda a área da escavação, e não associados a um contexto doméstico em particular, reflectem os quotidianos de uma população que habitou aquele espaço pelo menos durante cerca de um século.

Os objectos estudados neste trabalho correspondem ao espólio recuperado nas três intervenções arqueológicas ali desenvolvidas. Uma primeira de diagnóstico, por parte da equipa da Câmara Municipal, a segunda, da responsabilidade da Empresa ERA Arqueologia, e uma terceira, efectuada pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que já enquadrou uma intervenção em área. O espólio encontra-se depositado no Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de

Xira. A colecção total corresponde a 1703 fragmentos de cerâmica. A cerâmica vermelha conta com 886 fragmentos, a vidrada verde e melada corresponde a 285 fragmentos e a faiança a 532 exemplares. Aqueles foram individualizados por categorias, separados por função e contabilizados. O NMI foi calculado, numa primeira fase, com base na individualidade de cada peça e, numa segunda, através do número de fragmentos de bordo, asas e fundos (tabela 1).

Apesar do elevado número de objectos cerâmicos não é possível inferir qual o número de pessoas que ali habitava, ou sequer se aquelas viveriam todas na mesma casa ou se em habitações distintas. Uma pergunta que continua a ser muito pertinente, mas ainda sem resposta, será quantas panelas, tachos, pratos ou púcaros teria uma casa durante a Idade Moderna em Portugal? E de que forma a capacidade económica de cada família influencia o número de objectos? Para já apenas podemos avançar com algumas hipóteses. Contudo, o estudo dos objectos permite inferir acerca dos seus hábitos domésticos, capacidade económica e mesmo distinção social.

Apesar de arqueologicamente terem sido reconhecidas algumas estruturas construídas já no século XVIII, a cultura material existente no local possível de datar dessa altura é muito reduzida pelo que temos de questionar se essas estruturas cumpriram ou não as funções de habitação doméstica. A grande parte da colecção corresponde a cronologias que podem ser balizadas entre a primeira metade do século XVII e inícios do século XVIII.

Correspondendo a um conjunto de materiais reconhecido como utilizado por habitantes de uma ou diversas casas é então importantes interpretar a funcionalidade destes objectos e compreender a razão da sua presença e a forma como foram usados. Como seria de esperar os objectos cerâmicos correspondem à maior parte da colecção. Contudo, alguns fragmentos de vidro, metais e mesmo osso, mostram que algumas actividades também se desempenhavam recorrendo a outro tipo de objectos. A atribuição tipológica dada a estes objectos foi feita de acordo com os estudos que têm sido feitos nos últimos anos por diversos autores (Fernandes, 2012; Bugalhão e Coelho, 2017; Casimiro e Gomes, no prelo).

Relativamente às importações, louça por norma considerada importante na interpretação da capacidade económica de qualquer ambiente doméstico elas correspondem exclusivamente a importações orientais que serão abordadas num artigo à parte (Henriques e Casimiro, este volume). A única excepção a considerar trata-se de um fragmento de louça berettina azul sobre azul (Fig. 4 H). Esta foi durante anos considerada uma importação italiana (Liguria) ou espanhola (Sevilha). Contudo sabemos neste momento que Lisboa produziu igualmente esta louça durante o século XVII, pelo que não é possível afirmar com certeza a sua origem (Ferreira, *et al.*, 2018). Neste sentido não iremos considerar como uma importação e apenas como um prato correspondente à louça usada à mesa.

## 2. Para cozinhar

A grande parte da cerâmica recuperada nesta intervenção arqueológica insere-se no que é comumente interpretado como louça de cozinha utilizada na preparação e confecção de alimentos.

Curiosamente, e ao contrário do que acontece por norma nos contextos arqueológicos de Idade Moderna, a forma mais frequente não são as panelas, mas os tachos (Fig. 1 A, B). Esta é a designação dada a esta forma nos livros de receitas dos séculos XVII e XVIII identificando peças que servem essencialmente para fazer refogados e estufados. As cerâmicas

associadas a esta tipologia têm forma hemisférica, com paredes altas, assentes em fundo plano. As asas são horizontais com secção subcircular ou pegas triangulares, forma recorrente a partir da segunda metade do século XVI, ou horizontais. Peças semelhantes têm sido identificadas em diversos sítios arqueológicos, sobretudo em Lisboa e cidades circundantes em contextos modernos (Diogo e Trindade, 1998; Cardoso e Rodrigues, 1999).

A segunda forma mais frequente são as panelas (Fig. 1 F-J). Apresentam formas globulares, com colo alto e duas asas equidistantes, verticais ou horizontais, assentes em fundos planos. A sua funcionalidade é por norma associada a cozeduras, algo que confirmamos quando lemos os livros de receitas onde as panelas são quase exclusivamente associadas a cozidos ou ensopados, seja de carne, peixe ou legumes, podendo, no entanto, ser mencionadas igualmente em refogados.

Arqueologicamente são peças muito frequentes e em alguns contextos arqueológicos domésticos as mais numerosas. Formas semelhantes são encontradas na área da grande Lisboa, mas também por todo o país (Diogo e Trindade, 1998; Casimiro, 2011; Barbosa, *et al.*, 2009; Fernandes e Carvalho, 1997; Gomes e Gomes, 1998; Gomes *et al.*, 2013; Rego e Macias, 1993; Rodrigues *et al.*, 2013).

As frigideiras (Fig. 1 D) são parcamente mencionadas e associadas sempre a fritos ou ao acto de frigar, mas também podem ir ao forno. Apresentam formas hemisféricas, paredes mais baixas que os tachos e pegas triangulares ou um cabo tubular.

Todas estas formas seriam tapadas com tampas ou testos (Fig. 2 G, H), ainda que o diâmetro dos testos identificados se adapte mais às panelas que aos tachos ou frigideiras. Os testos identificados apresentam a característica forma tronco cónica, com fundo plano, bordo com lábio de perfil semicircular e pequena pega na parte superior, com formas afins recolhidas em abundantes contextos arqueológicos (Diogo e Trindade, 1998; Casimiro, 2011; Barbosa, *et al.*, 2009; Fernandes e Carvalho, 1997; Gomes e Gomes, 1998; Gomes *et al.*, 2013; Rego e Macias, 1993; Rodrigues *et al.*, 2013).

De notar em todos os documentos a referência a tigelas que iriam ao fogo, que suspeitamos terem a forma de uma frigideira sem asas, comumente designadas de caçoilas na literatura arqueológica (Fig. 1 C, E). A sua funcionalidade é variada visto que serviam para fritar, estufar ou mesmo ir ao forno

Nos livros de receitas dos séculos XVII e XVIII surgem vulgarmente designados os alguidares e as bacias utilizados para funcionalidades semelhantes pelo que a diferença entre estas duas formas poderia ser apenas no tamanho (Fig. 3). Aparecem associados à preparação de enchidos quer com superfícies foscas ou vidradas, ao temperar da carne, lavagem de frutas e legumes, entre outras utilizações. São peças muito frequentes na colecção de Alhandra oscilando a sua dimensão entre os grandes objectos com cerca de 80 centímetros de diâmetro e as peças mais pequenas com cerca de 30 centímetros de diâmetro no bordo. Os recipientes de maiores dimensões possuem as paredes internas vidradas a verde enquanto os de menores dimensões podem ser brunidos ou ter as paredes internas vidradas a verde ou melado.

A presença de fogareiros é atestada através de pequenos fragmentos daquelas peças. Eram utilizados na confecção de alimentos como forma de manter um fogo brando (Casimiro, *et al.*, 2017). Os fogareiros são peças muito comuns em contexto arqueológico desde a Idade Média com diversos objectos recolhidos em Lisboa, Almada, Cascais ou Palmela em contextos modernos (Casimiro, 2011; Cardoso e Rodrigues, 1999; Fernandes e Carvalho, 1998).

### 3. Para comer

Na louça de mesa destaca-se a faiança portuguesa, visto que a louça com vidrado de chumbo corresponde apenas a cerca de 20 pratos e uma dúzia de taças (Fig. 2 I). As peças possuem vidrado verde e amarelo. Os pratos são troncocónicos com fundo em ônfalo e as taças hemisféricas ou carenadas, características das peças na cronologia em apreço (Casimiro *et al.*, 2018)

As faianças são peças que cronologicamente podem ser datadas entre meados da primeira metade do século XVII e inícios do século XVIII. Esta atribuição cronológica é feita com base nas suas características decorativas.

As formas mais frequentes são os pratos e as taças ou escudelas. Seguindo a lógica de atribuição de funcionalidade que utilizamos para a louça de cozinha estes objectos são mencionados nos Livros de Receitas com a função da servir e consumir alimentos (Casimiro e Gomes, no prelo). Os pratos são os mais frequentemente mencionados seguidos pelas taças ou escudelas. Por norma não existem tipos de formas associados a receitas específicas, mas quase todos os alimentos servidos em pratos são associados a fatias de pão que se põem na base do prato (Casimiro, *et al.*, 2017). Se este fosse o caso da alimentação que se efectuava em Alhandra então a decoração que existe nestes objectos estaria ocultada durante a refeição. Os pratos e taças em cerâmica fosca são raros não ascendendo a dez exemplares pelo que a maioria das refeições era efectuada nestas faianças decoradas.

A maior parte das peças recuperadas corresponde a taças e pratos produzidos ainda na primeira metade do século XVII, a partir de 1630. Destacam-se as decorações vegetalistas com as grandes folhas, fetos e pétalas, sendo das peças mais frequentes encontradas em ambientes domésticos de meados do século XVII (Fig. 4 C, D, G, I). Associadas a estas destacam-se as decorações de influência oriental onde no centro dos pratos surgem paisagens bucólicas onde se identificam rochas, peónias ou camélias (Fig. 4 A, B). Igualmente desta cronologia reconhecem-se alguns fragmentos decorados com o que se convencionou designar de pequenas espirais (Fig. 4 F), uma decoração característica da primeira metade do século XVII que tende a desaparecer a partir de 1640 (Casimiro, 2013).

De cronologia mais tardia, pós 1660, reconhecem-se os pratos e taças decorados com semicírculos concêntricos no bordo enquanto o interior do fundo apresenta uma decoração vegetalista já muito estilizada (Fig. 5 A-E). É também nesta cronologia que as peças decoradas com manganês ocupam o seu espaço nos ambientes domésticos com decorações como rendas, aranhões e contas que convivem com decorações exclusivamente a azul (Fig. 5 H, I, J).

As peças com decoração exclusiva a manganês são mais raras e apenas um prato foi identificado (Fig. 5 K). A sua cronologia é já pós 1700 e difícil de confirmar se pertencente a alguma das casas que ali existiu ou se ali foi parar depois de alguma terraplanagem. Foram recuperadas duas peças integralmente brancas, uma taça e um prato (Fig. 5 F-G) que tipologicamente correspondem igualmente a produções já de inícios do século XVIII.

Não surge nenhum prato de grandes dimensões dos que por norma são associados à decoração dos elementos domésticos. A louça aqui identificada corresponde a pratos e taças de tamanho comum, a louça de todos os dias, cujo valor seria facilmente suportado por um grupo associado a uma classe média. Esta conclusão encontra-se em sintonia com a quantidade de porcelanas aqui identificada, que sugere igualmente a existência de uma classe média.

#### 4. Para beber e guardar líquidos

A designada louça de água encontra-se igualmente presente nesta colecção. Corresponde essencialmente a cântaros, garrafas, jarros e púcaros. Ainda que alguns destes recipientes pudessem conter outros líquidos são por norma associados ao armazenamento e consumo de água. Os cântaros são peças bojudas, de colo alto, assentes em fundo plano e com uma ou duas asas equidistantes (Fig. 2 C, D). As garrafas e jarros são peças mais pequenas, igualmente assentes em fundo plano mas apenas com uma asa. Destingue-os o colo e o bordo. Enquanto as garrafas apresentam gargalo mais estreito (Fig. 2 E), os jarros possuem por norma um gargalo largo com um bico trilobado. As garrafas surgem algumas vezes com a superfície externa vidrada.

Os púcaros eram usados para beber água (Fig. 2 A, B). Arqueologicamente são dos achados mais frequentes em contextos modernos de norte a sul do país, tendo sido produzidos em diversas localidades, mas com formas muito semelhantes de norte a sul. Correspondem a peças de pequena dimensão, bojudas e com colo alto com uma pequena asa. Ocasionalmente surgem decorados com decorações plásticas ou digitados e modelados. A sua utilização é transversal a todos os grupos sociais pelos que são péssimos indicadores das camadas sociais de determinados grupos, ainda que as peças modeladas tendam a surgir sobretudo em contextos mais abastados. Na presente escavação apenas quatro fragmentos deste tipo de púcaros foram identificados revelando novamente que não estamos perante um contexto de elevada capacidade económica ou distinção social (Vasconcellos, 1921; Casimiro e Newstead, no prelo).

Foi encontrado um gargalo de uma bilha (Fig. 2 F) que corresponde a uma forma muito utilizada em meados do século XVI, mas que começa a cair em desuso em meados do século XVII. A sua função é por norma associada ao armazenamento de azeite.

Surgem ainda fragmentos de potes, a maioria não vidrados, com as mais variadas dimensões (Fig. 2 K). A sua função era o armazenamento de todo o tipo de produtos.

Os vidros são raros neste contexto. Alguns fragmentos de garrafa foram identificados, mas cujo estado de fragmentação não permitiu a identificação de uma forma específica. Estas garrafas eram muitas vezes utilizadas para guardar vinho ou outras bebidas alcoólicas. Uma asa azul em vidro sugere tratar-se de um copo ou jarro, com duas asas (Fig. 6 A). Tais peças não sendo muito frequentes nos contextos arqueológicos têm surgido ocasionalmente em locais como Carnide, muito embora a maioria em vidro transparente (Boavida, 2017a)

#### 5. Para medir

Dois fragmentos de base correspondem ao que por norma se associa a peças destinadas a medir (Fig. 2 J). Tais peças são comuns nos contextos arqueológicos domésticos, crê-se que utilizadas na cozinha para medir os produtos alimentares utilizados nas receitas. Surgem em diversos tamanhos representando os sistemas de medidas em vigor (Casimiro e Valongo, 2019).

## 6. Para “usar” à noite

Os vasos de noite são uma presença constante nas colecções cerâmicas identificadas em contexto doméstico, sobretudo a partir do século XV. São peças altas e robustas com forma cilíndrica, assentes em fundo plano e bordo extrovertido com duas asas equidistantes. Surgem em cerâmica vermelha fosca ou vidrados em ambas superfícies tanto em verde como amarelo. Na presente colecção foram identificados apenas exemplares não vidrados.

## 7. Para rezar

Um pequeno fragmento de uma pia de água benta foi identificado (Fig. 4 E) neste lugar. Atendendo à existência de uma igreja naquele local este parece ter sido um achado sem qualquer tipo de interpretação extraordinária. No entanto, tipologicamente esta peça corresponde a uma produção muito anterior à construção do edifício religioso, pelo que é possível que a sua utilização não tenha ocorrido no espaço religioso, mas sim numa das casas que ali existia durante o século XVII. A utilização destes objectos em ambientes domésticos não é desconhecida ou sequer rara. Eles corresponderiam à materialização de uma religiosidade doméstica. No recipiente desta pia estaria efectivamente água benta possivelmente comprada ou adquirida junto de um pároco ou mesmo alguma rede comercial especializada nesses produtos.

## 8. Para usar

Surgiram igualmente diversos pequenos objectos que classificámos de uso pessoal. A relação dos seus utilizadores com estas peças seria de uma proximidade incrível e eles reflectem actividades quotidianas básicas tais como vestir e calçar, mas igualmente o adornar do corpo através de um anel.

Duas fivelas de diferentes dimensões correspondem a objectos utilizados ou nos sapatos ou na roupa. O aparecimento de fivelas nos contextos arqueológicos é comum, sobretudo em contextos domésticos, visto que quando partidas teriam de ser substituídas. Corresponderiam a uma das formas mais utilizadas de prender roupa e acessórios (Boavida, 2017b).

Foram encontrados dois botões, um em osso e outro em metal. O botão em osso corresponde ao tipo de botões mais frequente encontrado em Portugal (Vieira *et al.*, no prelo). Um disco em osso é recortado de um osso longo e um pequeno orifício aberto no centro desse disco. Durante o século XVII estes botões eram feitos com métodos tradicionais e possivelmente nas proximidades visto que não seria precisa muita mestria para os efectuar. Um botão em liga de cobre apresenta-se como uma peça mais elaborada. Corresponde a uma peça octogonal com as faces polidas. Ao contrário do botão em osso que seria utilizado numa peça de vestuário com menos destaque este botão em metal poderia ter pertencido a um casaco ou uma peça de vestuário exterior.

Também em metal foi recuperado um dedal. São igualmente objectos comuns, por norma associados à presença feminina nos contextos domésticos visto que o acto de costurar é associado aos elementos do sexo feminino (Fig. 6 F). São igualmente comuns em contextos domésticos ao longo da Idade Moderna.

Um anel de vidro negro foi recuperado (Fig. 6 G). Peças deste tipo, sobretudo frag-



mentados, são ocasionalmente achados no país e encontrados com diversos tamanhos o que sugere que eram objectos utilizados tanto por adultos como por crianças (Boavida, 2015). O vidro era frequentemente utilizado em jóias tais como anéis e pulseiras, possivelmente substituindo o metal que poderia ser mais dispendioso.

Uma pequena conta em vidro azul foi identificada (Fig. 6 H). Apareceu isolada pelo que não é possível inferir acerca da sua utilização. Contas em vidro aparecem frequentemente nos contextos arqueológicos modernos. Por norma são associadas a objectos de adorno pessoal, tais como brincos, podendo no entanto ter pertencido a artigos religiosos tais como terços ou rosários.

Estes pequenos objectos de adorno podiam ser guardados dentro de uma das duas caixas em faiança encontradas na escavação. São objectos incomuns nos contextos arqueológicos modernos e a sua funcionalidade seria a de guardar pequenas coisas.

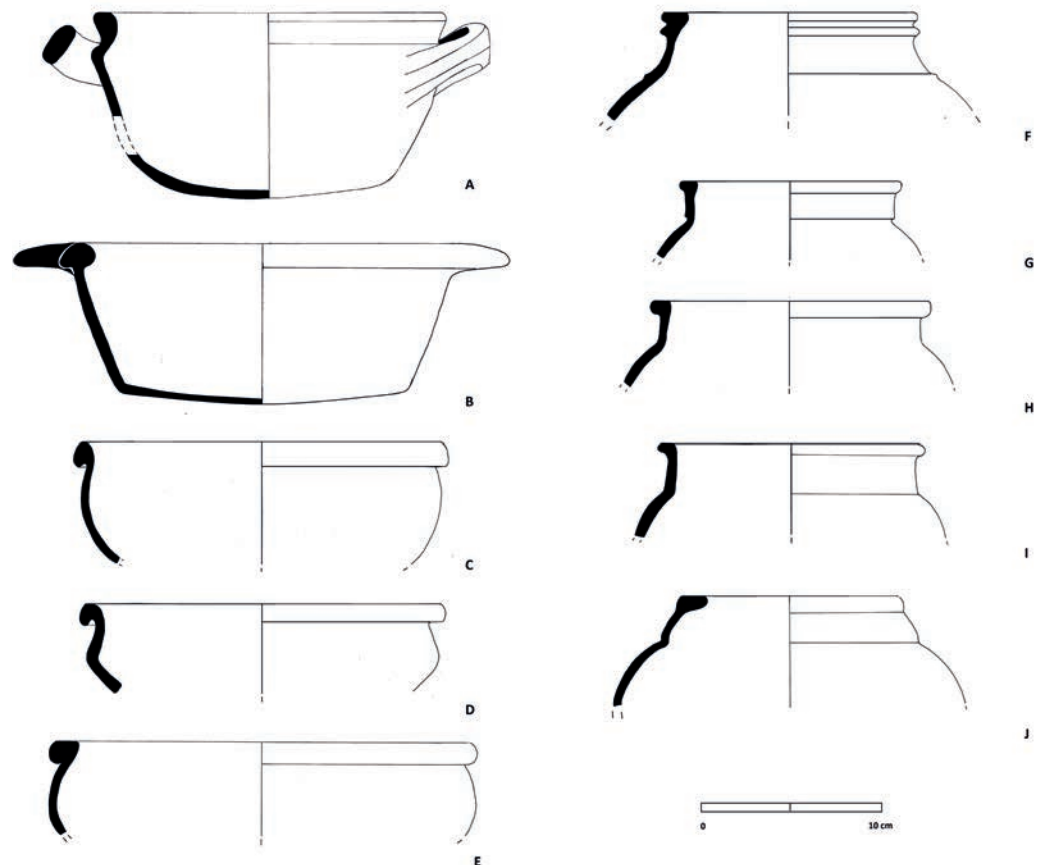
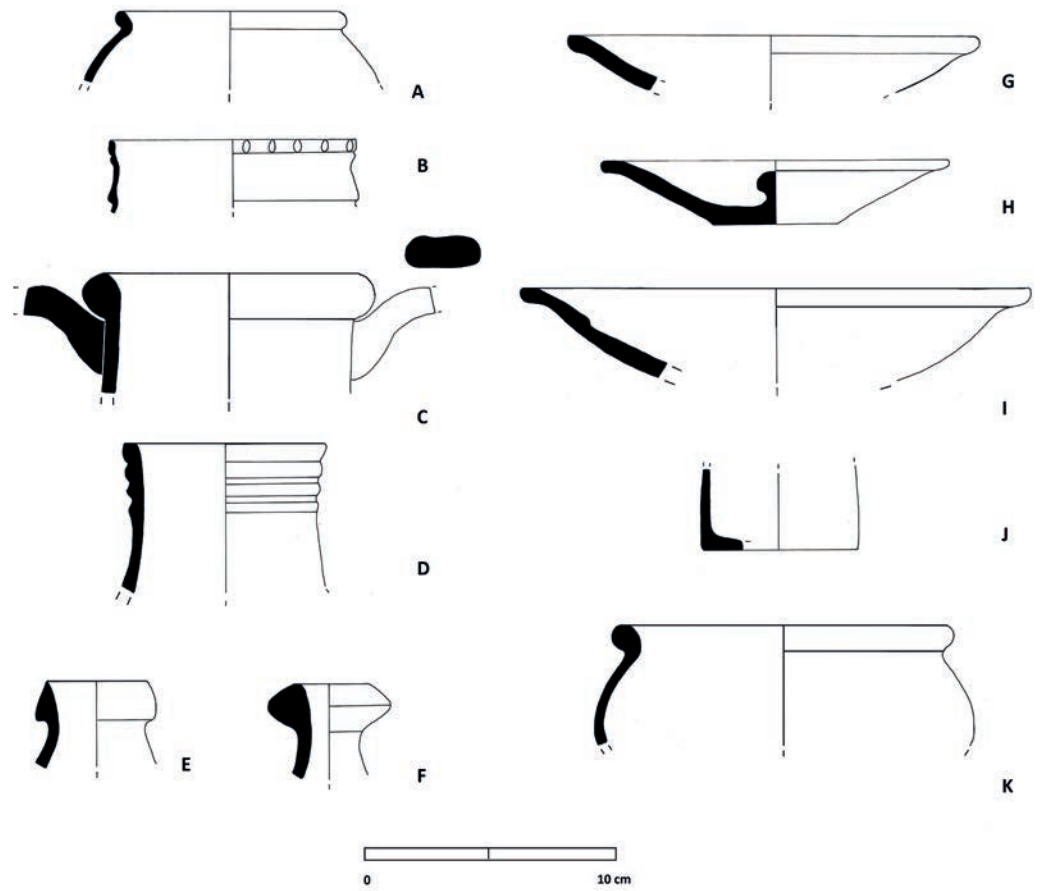
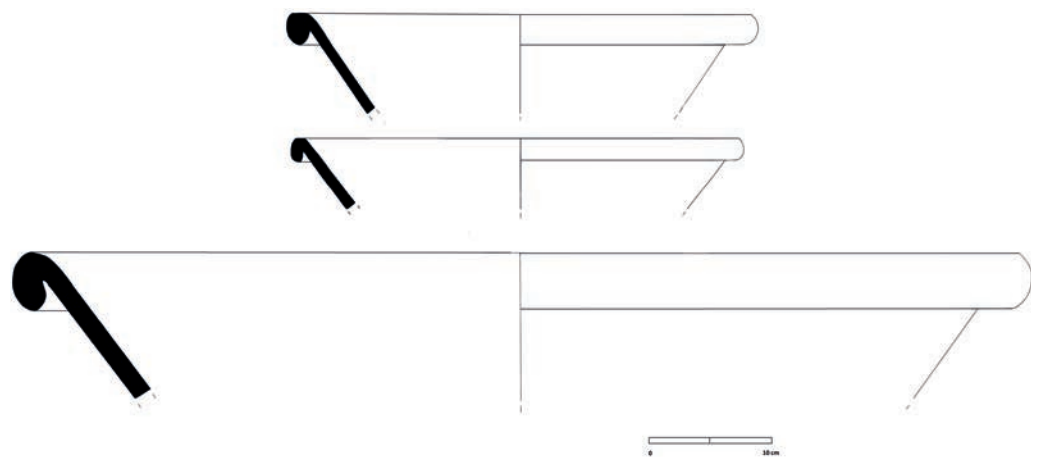


Figura 1  
Louça vermelha.

**Figura 2**  
Louça vermelha e  
vidrada.



**Figura 3**  
Louça vermelha e  
vidrada.



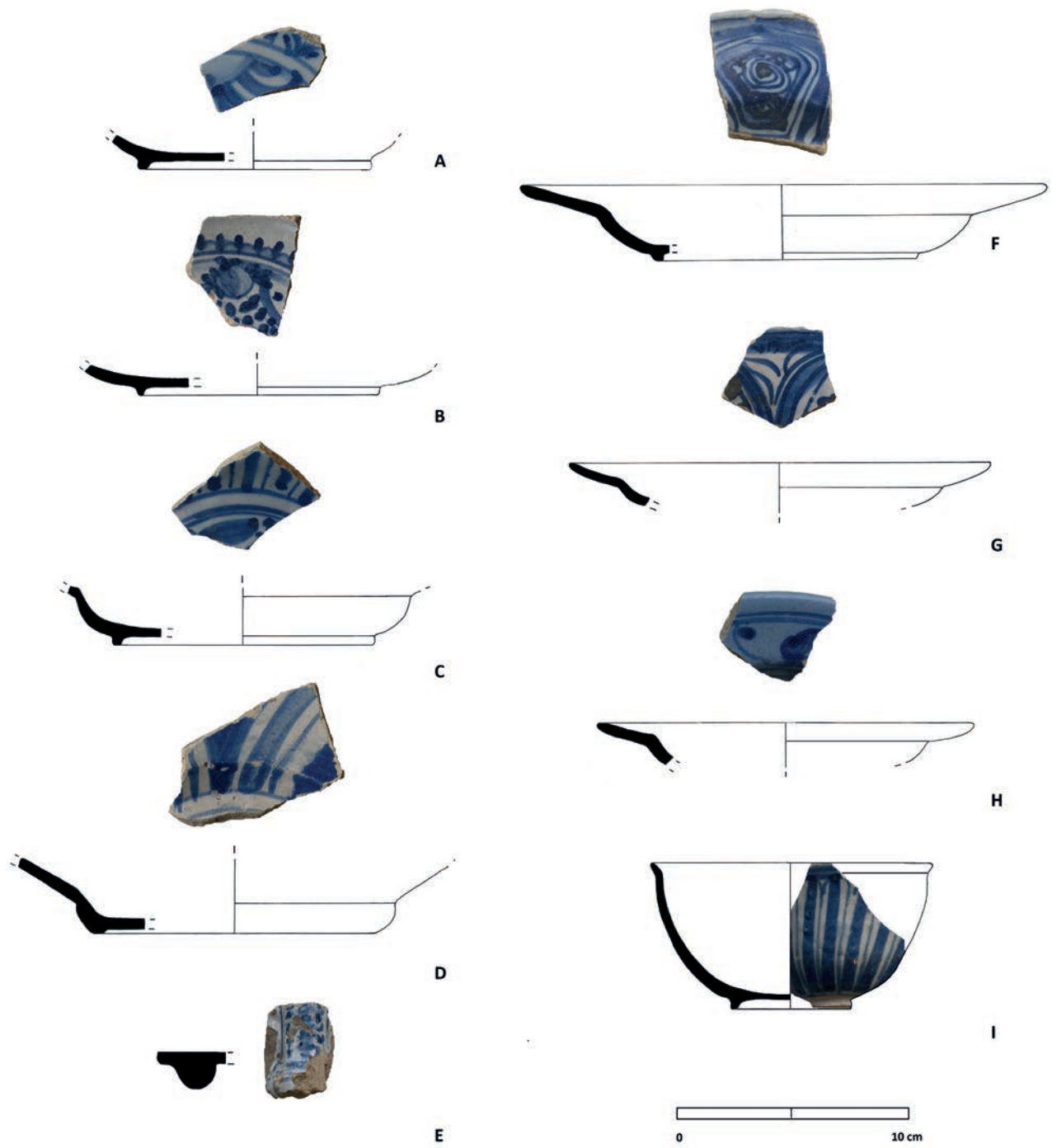


Figura 4  
Faiança.

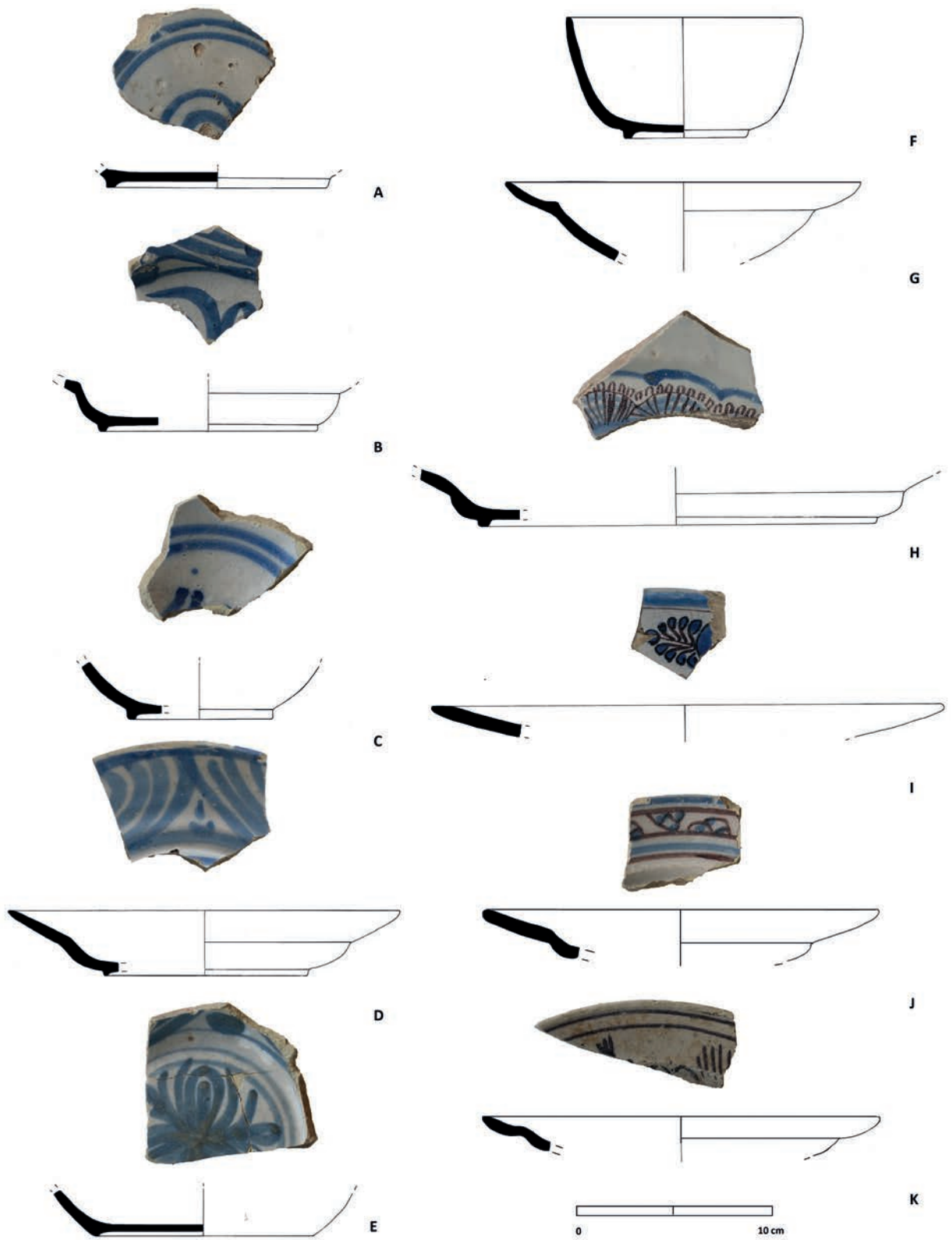


Figura 5  
Faiança.

Figura 6  
Metais e vidros.



Forma / Fragmento	Bordo	Parede	Fundo	Asa	Total Frg.	NMI
<b>Louça vermelha</b>						
Panela	102	15	18	21	156	42
Caçoila/tigela de fogo	90	15	2		26	22
Frigideira	12	6	13		31	8
Tacho	122	40	5	18	185	58
Alguidar	7	16	8		31	5
Testo/tampa	21	1	1		24	18
Púcaro	5	11	5	25	46	14
Garrafa	1	13	3	5	22	4
Bilha	1				1	1
Cântaro	41	42	39	71	193	33
Fogareiro	6	15	6	4	31	5
Talha	2		1		3	2
Medida			2		2	2
Vaso de noite	2	2	4	1	9	3
Indeterminado		126			126	
<b>Louça vidrada</b>						
Alguidar	19	13	6		38	9
Pote	4	22	1		27	11
Prato	26	32	12		70	21
Taça	17	11	9		37	12
<b>Faiança</b>						
Prato	119	244	86		449	88
Taça	46	92	42		180	50
Caixa	2				2	2
Pia Água Benta		1			1	1

## 9. Conclusão

Os materiais recuperados na escavação arqueológica do espaço do Centro de Saúde de Alhandra correspondem ao que seria expectável encontrar associado a um contexto doméstico. A demolição das casas que ali existiam para a edificação da igreja em 1721 não apagou os vestígios dessa ocupação prévia.

Os quotidianos ficaram registados através da louça que se utilizava todos os dias para cozinhar, preparar alimentos, comer, beber e outras actividades que ali se desenvolveram.

A análise da colecção mostra que estamos perante um grupo que podemos classificar quase como uma classe média, conclusão retirada através dos objectos que possuíam. Ainda que não apareçam peças de grande valor económico as actividades quotidianas desenvolviam-se sem aparentemente haver carência de recipientes. A presença de apenas um número reduzido de importações e apenas porcelana chinesa (ver Henriques e Casimiro este volume), cujo valor em Portugal era relativamente reduzido, corrobora esta afirmação.

A louça de mesa corresponde na íntegra a produções de Lisboa. A louça vermelha ainda que possa tratar-se de produções locais ou de áreas próximas é muito semelhante ao que nestas cronologias tem sido identificado em Lisboa e na área do Vale do Tejo testemunhando a hipótese de uma identidade regional na produção cerâmica que tem vindo a ser defendida desde cronologias mais recuadas (Casimiro *et al.*, 2018).

## 10. Bibliografia

- BARBOSA, T.; CASIMIRO, T. M.; MANAIA, R. (2009) – A late 15th century household pottery group from Aveiro (Portugal), *Medieval Ceramics*, 30, p. 119-136.
- BOAVIDA, C. (2015) – *Do Castelo do tempo. Arqueologia em Castelo Branco*, Castelo Branco: Sociedade de Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.
- BOAVIDA, C. (2017A) – Entre copos e garrafas: os vidros do Largo de Jesus (Lisboa), in: *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*, Lisboa: CAL/SGL, p. 131-137.
- BOAVIDA, C. (2017B) - Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do largo do coreto (Carnide, Lisboa) in: *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1821-1834.
- BUGALHÃO, J.; COELHO, I. (2017) – Cerâmica Moderna de Lisboa: uma proposta tipológica, in A. Caessa, C. Nozes, I. Cameira e R. B. Silva (coord.), *1 Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, p. 107-145.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia das cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*, 6. Porto: Edições Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, p. 193-212.
- CASIMIRO, T. M. (2011) – Estudo de espólio de habitação setecentista em Lisboa. *O Arqueólogo Português*, S.5 – 1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 689-726.
- CASIMIRO, T. M. (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural, p. 351-367.
- CASIMIRO, T.M.; BOAVIDA, C.; DETRY, C. (2017) - Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650), in: *Actas do Encontro Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*, Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa, p. 105-116.
- CASIMIRO, T.M.; BOAVIDA, C.; SILVA, T.; NEVES, D. (2018) - *Ceramics and Cultural Change in Medieval (14th-15th century) Portugal: The case of post- Reconquista Santarém*, *Medieval Ceramics*, 37, p. 21-35.
- CASIMIRO, T.M.; GOMES, J.P. (NO PRELO) – Formas e sabores: alimentação e cerâmica nos séculos XVII e XVIII, *A mesa dos sentidos*, Coimbra: DIATA.
- CASIMIRO, T.M.; HENRIQUES, J.P.; FILIPE, V.; BOAVIDA, C. (2018) – Lead glazed ceramics in Lisbon (16th-18th centuries), in: Pereira, S.; Marlucci, M.; Rodrigues, J. (eds) *GlazeArt2018. International Con-*

- ference Glazed Ceramics in Cultural Heritage*, Lisboa: LNEC, p. 268-282.
- CASIMIRO, T.M.; NEWSTEAD, S. (NO PRELO) - 400 Years of water drinking in Portugal, *Ophiussa*, 3
- CASIMIRO, T.M.; VALONGO, A. (2019) – Size does matter. Early Modern Measuring Cups from Lisbon, in: Matejkova, K; Blazkova, G (eds.) *Europa Post-Medievalis*, Oxford: Archaeopress, p.
- DIOGO, A. D.; TRINDADE, L. (1998) – Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.º 36-44, na Mouraria em Lisboa, in *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós -Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 257-266.
- FERNANDES, I. (2012) – *A loiça preta em Portugal. Estudo histórico, modos de fazer e usar*, 2 volumes, Tese de doutoramento em História apresentada à Universidade do Minho
- FERREIRA, L.F.; MACHADO, I., CASIMIRO, T.M; PEREIRA, M.; SANTOS, L., (2018) - Blue on Blue 16th-17th century Portuguese Ceramics, *Archaeometry*, volume 60, p. 1-18
- FERNANDES, I.; CARVALHO, A. R. (2003) – A loiça seiscentista do Convento de São Francisco de Alferrara (Palmela), in *Actas das 3.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 231-252.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1998) – Cerâmicas dos séculos XV a XVIII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal, in *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós -Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 315-348.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; ALMEIDA, M.; BOAVIDA, C.; NEVES, D.; HAMILTON, K.; SANTOS, C. (2013) – Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7, in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1057-1065.
- REGO, M.; MACIAS, S. (1993) – Cerâmicas do século XVII do Convento de Sta. Clara (Moura). *Arqueologia Medieval*, 3. Porto: Edições Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, p. 147-159.
- RODRIGUES, J.; BOLILA, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J. P.; RIBEIRO, I. A.; SIMÕES, S. (2013) – As cerâmicas da Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais, in Teixeira, A.; Bettencourt, A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 2 (ArqueoArte 1). Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, p. 865-876.
- VASCONCELOS, C.M. (1921) – *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VIEIRA, V.; CASIMIRO, T.M.; FILIPE, V.; DETRY, C. (NO PRELO) - Vamos falar com os nossos botões. Uma oficina do século XIX na Mouraria, in: *Fragments de Arqueologia, Extrair e Produzir... Dos primeiros artefactos à Industrialização*, Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa.

